OLHAR SOBRE OS 20 ANOS DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ANCIB)

AN OVERVIEW OF THE PAST TWENTY YEARS OF THE BRAZILIAN SCENTIFIC SOCIETY FOR INFORMATION SCIENCE (ANCIB)

Aldo de Albuquerque Barreto[1]
Pesquisador do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
Pesquisador Sênior do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
e-mail: aldo.barreto@gmail.com

> "Sempre zombei de todo pensador que não zombou de si mesmo", assim começa Nietzsche em seu livro *A gaia ciência*. Uma autocrítica é sempre enriquecedora.

Resumo

A história e os objetivos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) mostram como uma sociedade científica que congrega especialistas e pesquisadores de um ramo do conhecimento têm problemas para seu estabelecimento e funcionamento. A Associação quer que seus membros pesquisem e divulguem os resultados de seus estudos para difundir uma reflexão do que foi, de como é a área no presente e sua projeção para o futuro. A ANCIB realiza durante sua história uma socialização do conhecimento em informação, suas práticas e sua teoria. Rápida pincelada no contexto remoto é essencial para o entendimento do processo na totalidade. O trabalho de iniciar e manter uma associação científica é difícil, pois pretende, com a ajuda de todos os pares, a democratização do campo. A ANCIB teve e tem dificuldades para realizar tal processo. Não nasceu na espontaneidade de seus membros e foi iniciada como irmã mais nova de área de conhecimento que talvez não a desejasse. É esta a história contada.

Palavras-chave

Historiografia; Ciência da Informação; Biblioteconomia; Socialização da ciência; Indução científica; Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia; ANCIB.

Abstract

The article tries to utter an overview of the history and the life objectives of the National Association for Research and Graduate Studies in Information and Library Science (ANCIB). It shows how a scientific society which brings together experts and scholars from a branch of knowledge has so many problems in their establishment and operation. The Association wants its members to search and publish the results of their

[1] O autor foi Secretário Geral e Vice-presidente na fundação da ANCIB, em 1989, e depois seu Presidente por dois períodos de três anos 1997 / 2003. Assim muito das situações colocadas no artigo estiveram para sua consideração e conclusão. As possíveis indicações críticas, se existem, obrigam o autor a criticar a si mesmo.

studies and to disseminate a reflection of what is the present of the area and how it will be expected to be in the future. The ANCIB have been performing during its history an effort for information, knowledge socializing both in their practices as in theory. A record of past events is essential for understanding the whole affair of the institution. All the work of starting and maintain a scientific association is difficult even with the help of all the peers in its field. The ANCIB had and have greater difficulties to perform all the process expected from it as an Institution. It was not born in the spontaneity of its member's desire. It has begun as the younger sister of another area that may not want it. This is the story to be told.

Keywords
Historiography; Information Science; Librarianship; Socializing science; Scientific Induction; National Association for Research and Graduate Studies in Information and Library Science; ANCIB.

Iniciando

A história e os objetivos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) mostram como uma sociedade científica douta ou erudita que congrega especialistas e pesquisadores de um ramo do conhecimento ou das ciências têm problemas para seu funcionamento. A Associação permite aos seus membros reunir-se, expor os resultados de pesquisas, confrontá-las com colegas, do mesmo domínio do conhecimento, e difundir trabalhos através de congressos ou de uma publicação especializada. Neste sentido a ANCIB realiza, num contexto de sua história, a eterna preocupação com a distribuição do conhecimento. Uma pequena pincelada no contexto remoto é essencial para o tema principal deste artigo.

A compreensão do mundo (OLIVEIRA, 2005) que nos cerca é uma busca incansável que começou com o florescer da consciência da humanidade. Tentar reconstruir uma historia da ciência e tecnologia (C&T). Tentar entender o universo é uma característica que nos impulsiona desde a aurora dos tempos. Entender porque e como estamos aqui é uma caminhada sem fim.

A busca pela compreensão mais profunda dos fenômenos da natureza teve um grande avanço no século XX. As descobertas de novos fenômenos levaram à formulação de novas teorias, novas formas de atuar e ver o mundo. O historiador Eric Hobsbawm (1995), analisando o século XX, nos diz que nos últimos 50 anos a humanidade viu inserir em seu convívio mais inovações do que em todo o resto de sua historia. No limite do período de que nos fala o historiador, fatos muito importantes aconteceram. Entre 1945 e 1948, uma bolha tecnológica produziu a fissão nuclear que permitiu o lançamento da primeira bomba atômica; foi introduzido o ENIAC [*Electronic Numerical Integrator and Calculator*] e depois o UNIVAC-1 [*Universal Automatic Computer*], os primeiros computadores de aplicação geral; o cientista Alexander Fleming descobriu a penicilina num hospital em Londres; um avião voou mais rápido do que o som; foi inventado o transistor e foi iniciada a *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO), em Paris. Ainda nesse tempo, Norbert Wiener publicou *Cybernetics*, sobre a teoria matemática da informação e Vannevar Bush publicou *As we may think*[i] (Como nós pensamos), apontando os problemas

decorrentes do volume e do valor da informação liberada após a Segunda Guerra Mundial, após 1950.

Contudo, foi Galileu Galilei (1564-1642) o primeiro cientista da História contemporânea. Além disso, os 50 anos das inovações que modificam nossa vida não teriam sido possível sem o aporte de muitas coisas realizadas anteriormente. Duas merecem destaque: a eletricidade e a máquina a vapor. A história da eletricidade recua até o filosofo grego chamado Tales de Mileto que, ao esfregar um âmbar (grego *élektro*) a um pedaço de pele de carneiro, observou que pedaços de palhas e fragmentos de madeira começaram a ser atraídas pelo próprio âmbar. O cientista inglês, Michael Faraday, descobriu que, do mesmo modo que a eletricidade podia produzir magnetismo, o magnetismo podia ser usado para produzir eletricidade. Em 1831, Faraday fez descobertas que levaram ao desenvolvimento do dínamo, do motor elétrico e do transformador. O motor a vapor de pistão foi desenvolvido em 1690 criando a base para a industrialização. Em apenas alguns anos ele se tornou a força de trabalho nas fábricas e minas.

No livro *A arte do motor*, Paul Virilio (1996) afirma que as inovações tecnológicas transformam e desterritorializam o espaço geográfico em todas as escalas. Ao escrever sobre os motores da história, nos mostra como as inovações técnicas transformam as relações entre os indivíduos com a natureza em todas as escalas. Considerando motor um dispositivo que converte outras formas de energia em energia mecânica, de forma a impelir movimento a uma máquina ou veículo, afirmamos que os motores a vapor, a explosão, o elétrico, o foguete e a informática contribuíram para uma perda espacial do território, tornando assim o espaço geográfico cada vez mais automatizado com profundas alterações no modo de convivência e em seus espaços.

O primeiro motor, nos fala o autor, é o motor a vapor, ocasionando uma primeira revolução da informação pelos discursos de ideologia que permitiram a revolução industrial. Foi o motor a vapor que permitiu uma visão do mundo através do trem, a visão em desfile. Cada motor modifica nossa condição de ver os fatos e as idéias de nossa história e também modifica a nossa percepção na mediação com a informação.

O segundo motor, o motor de explosão, propiciou o desenvolvimento do automóvel e do avião. Voando, o homem obteve uma informação e uma visão inédita do mundo. Seria o sonho do especialista de informação a possibilidade de ver os labirintos dos arquivos por cima, sem ter que trilhar por suas vias e encruzilhadas.

O terceiro motor, o elétrico, deu origem à turbina, favoreceu a eletrificação e é precursor das conexões, permitindo o desenvolvimento da imagem em movimento que modificou a relação do homem com o mundo.

O quarto motor é o motor-foguete que possibilitou ao homem escapar da atração terrestre. Colocado em outro lugar do espaço permitiu um distanciamento e uma nova visão da Terra a partir de outra terra. Cada motor modificou a informação sobre o mundo e nossa relação com ele.

O último motor é o motor informático. É o motor que vai favorecer a digitalização da escrita, da imagem e do som, assim como uma realidade virtual. Da informação digital e da memória eletrônica modificará totalmente a relação com o real, na medida em que permite duplicar a realidade através de outra realidade potencial.

A história da ciência no Brasil começou somente nas primeiras décadas do século XIX, quando a Família Real portuguesa, com D. João VI, chegou ao Rio de Janeiro, escapando da invasão do exército de Napoleão. Até então, o Brasil não era muito mais do que uma colônia pobre, sem universidades, mídias impressas, bibliotecas, museus.

Em relação ao trato com conteúdos científicos, o Brasil é um País de informação tardia. Sua primeira tipografia, que permitiu estabelecer uma esfera pública para os atos de informação, veio ao País com a fuga da Família Real portuguesa de Lisboa, em 1808, trazendo consigo a Imprensa Régia. A nave que trazia as máquinas tipográficas desgarrou da flotilha real e a imprensa pareceria não querer iniciar no Brasil uma escrita para um mundo de reflexão, uma esfera de troca de idéias. As máquinas da tipografia real vieram em nave, de nome Medusa, que remete àquela senhora da mitologia que tem cobras na cabeça. As letras, embora tardias, desembarcaram, em 1808, sob o estigma do desencontro e do mito de transformar em pedra os que as enfrentassem com opiniões próprias. Quem as encarasse e sem o espelho do inverso estaria fadado a tornar-se uma pedra de esquecimento. (RIZZINI, 1988).

Algumas fracas tentativas de estabelecer a ciência no Brasil foram feitas em torno de 1783, com a expedição do naturalista português Alexandre Rodrigues. Em 1772, a primeira sociedade, *Sociedade Scientifica*, foi fundada no Rio de Janeiro, mas durou somente até 1794. Também, em 1797, o primeiro instituto botânico foi fundado em Salvador, Bahia. Mas somente no Segundo Império, a C&T tiveram maior desenvolvimento.

O aparecimento da esfera pública

Na segunda metade do século XVII, o capitalismo se instala como ideologia política na Europa. Surge um grande número de empresas ampliando o segmento iniciado pela manufatura têxtil e metalúrgica, Os filhos da jovem aristocracia rural se tornam comerciantes e empreendedores de sucesso de uma indústria nascente a partir do artesanato. Haveria um antagonismo ideológico na clara percepção de que o futuro das atividades voltadas para a terra e as atividades voltadas para os interesses do capital seriam diferenciados. A ideologia agriculturista e industrialista criaram, com suas discussões, uma esfera pública de troca de informações.

As novas ideologias industriais precisam defender suas idéias, princípios e mitos para desenvolver uma corrente forte e ativa na população erudita. Ao mesmo tempo e como reflexo, uma mudança estrutural da esfera pública se processa saindo das cortes onde viviam o rei e os nobres, para as praças, os cafés, as feiras e os teatros. Era preciso formar e defender uma opinião favorável do público, para uma ou outra ideologia, e o instrumento para isto era a "publicitação" da informação. A informação ganha as ruas. Escapa dos mosteiros, dos copistas e das clausuras. O verbo habita o povo que o exprime com suas idéias numa nova esfera de influência. A informação, agora, uma noviça e rebelde, está livre com a escrita e se ajusta no espaço e no tempo.

Assim, a esfera pública, funcionando politicamente pode ser caracterizada, na Inglaterra, a partir do final dos anos 1600. As forças que, aspiraram ter influência sobre as decisões do poder estatal apelam para o público pensante para legitimar suas reivindicações. A esfera pública como condição política e a publicidade da informação

nascem irmãs. O periódico é o instrumento de transferência da informação. (HABERMAS, 1984).

O livre fluxo de informação e sua distribuição eqüitativa têm sido um sonho de diversos homens, em diversas épocas. Essas pessoas se juntaram em organizações com a intenção primeira de estabelecer redes de saber. Esta foi uma preocupação da academia desde a mais velha sociedade científica, em 1603. As sociedades científicas e as associações de cientistas passaram então a ser o lócus da distribuição da informação com intenção de gerar conhecimento.

A primeira sociedade científica da Europa, a *Accademia dei Lincei*, foi fundada em 17 de agosto de 1603, na Itália, sendo Galileu um de seus mais proeminentes membros. Quatro jovens (nenhum dos três primeiros tinha mais de 30 anos) criaram em Roma uma associação de estudos científicos: Federico Cesi, filho do duque d'Acquasparta; Francesco Stelluti, especializado em ciências naturais e tradutor da língua persa; o conde Anastácio De Filüs; e o médico holandês Johann Eck; A *Accademia* recebeu esse nome porque a palavra *Lincei*, em italiano, significa lince, o animal. Os linces são ágeis felinos de orelhas empinadas, que habitam vários países do hemisfério norte e há muitos séculos são considerados animais privilegiados por sua visão de alta acuidade, o que lhes permite enxergar bem a grandes distâncias. Os homens de ciência eram então tidos como verdadeiros linces, porque enxergavam mais longe do que os demais, geralmente, se dedicavam a estudar vários domínios do conhecimento. Ainda na Itália, temos a *Accademia del Cimento*, em Florença de 1651, a qual se destacou por ter semeado os primeiros observatórios meteorológicos do mundo por vários países da Europa, equipados com os instrumentos inventados por Galileu. A *Royal Society (*Londres) foi fundada em 28 de novembro de 1660 e reconhecida, oficialmente, em 1662. A *Academia de Ciências de Paris* foi criada em 1666; a de Berlim é de 1700.

A luta por uma distribuição adequada do conhecimento produzido pela humanidade vem desde o século XVII passando por antigas instituições e grupos europeus e norte-americanos, como a construção da Enciclopédia de Diderot e D'Alembert. Paul Otlet e seu grupo na Bélgica, Vannevar Bush e seus pesquisadores da Segunda Guerra Mundial, a aldeia global de Marshal McLuhan, as idéias de Roland Barthes, Jaques Derrida, os "mitemas" de Claude Lèvi-Strauss, a arqueologia do saber de Michel Foucault e o *docuverse* global de Theodore Nelson. (BARRETO, 2003). Ressaltamos, ainda, que o termo *docuverse* foi criado por Ted Nelson para descrever uma biblioteca eletrônica global de documentos interconectados, isto é, um metadocumento global. O paradigma do *docuverse* manifesta-se na internet, visto esta se espalhar por todo o globo, interligando milhões de documentos.

O ideal compartilhado seria o de se construir uma sociedade do conhecimento não só uma sociedade da informação. Não se pode confundir a sociedade da informação com a sociedade do conhecimento. A sociedade da informação é uma utopia de realização tecnológica e a do conhecimento, uma esperança de realização do saber.

Só a sociedade do conhecimento contribui para que o indivíduo se realize em sua realidade de convivência. Compreende configurações cognitivas, éticas e culturais e dimensões políticas de educação e do aprendizado. A sociedade da informação, por outro lado, está limitada a um avanço de novas técnicas destinadas a guardar, recuperar e transferir a informação.

A criação das academias de Londres (em 1665), de Paris (em 1666) e de Berlim (em 1700) ocorreu quando essas cidades começaram a se destacar pela criação de conhecimento científico a partir da informação divulgada. A meta dessas primeiras academias era possibilitar a qualquer pessoa do povo saber o que era ciência e como eram feitas as descobertas científicas, já que em suas reuniões se praticava, geralmente, a realização de experimentos para que os leigos as vissem.

O contexto remoto no Brasil

A importância da mudança da Família Real portuguesa de Lisboa para o Rio de Janeiro, em 1808, é pouco lembrada pelos brasileiros. Embora a decisão de deixar Portugal tenha sido tomada com rapidez, em face das circunstâncias, a idéia de vir para o Brasil já era antiga.

Há 200 anos, o Brasil não existia, pelo menos, não como é hoje: um país integrado, de fronteiras bem definidas e habitantes que se identificam como brasileiros. Na chegada da Corte ao Rio de Janeiro, o Brasil era um aglomerado de regiões mais ou menos autônomas, sem comércio ou qualquer outra forma de relacionamento, que tinha como ponto de referência apenas o idioma português.

Assim, podemos dizer que o Brasil começou, realmente, em 1808. Foram tomadas várias medidas de impacto: a abertura dos portos e de novas estradas, autorizadas, ainda, na escala em Salvador; a concessão da liberdade de comércio e de indústria manufatureira, logo na chegada ao Rio. Outra novidade foi a introdução do ensino leigo e superior. Anteriormente, a educação, no Brasil, se limitava ao ensino básico ministrado por religiosos, segundo dados sobre C&T do Brasil, dispostos no *site* http://www.lusoafrica.

Também surgiu, a partir de 10 de setembro de 1808, o primeiro jornal impresso no Brasil, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, que, entretanto, só publicava notícias da Corte. Porém, o primeiro jornal brasileiro livre circulou três meses antes, o *Correio Braziliense*, editado por Hipólito da Costa, em Londres, mas cada número vindo de navio chegava três meses após o lançamento.

O Brasil estava muito defasado em relação à criação de universidades ou qualquer ciência ou tecnologia desenvolvidas aqui. Foram então criadas por D. João uma escola superior de medicina; outra de técnicas agrícolas; um laboratório de estudos e análises químicas; e a *Academia Real Militar*, que abrangia o ensino da engenharia civil e mineração.

A ciência brasileira começou, eficazmente, somente nas primeiras décadas do século XIX. Até então, o Brasil não tinha universidades, mídias impressas, bibliotecas, museus. Algumas fracas tentativas de estabelecer a ciência no Brasil foram feitas à volta do ano de 1783, com a expedição do naturalista português Alexandre Rodrigues, enviado pelo Marquês de Pombal, para explorar e identificar a fauna, a flora e a geologia brasileira. Em 1772, a primeira sociedade instruída, *Sociedade Scientifica*, foi fundada no Rio de Janeiro, mas durou somente até 1794.

D. João VI incentivou o desenvolvimento das ciências e das artes. Num período curto, entre 1808 e 1810, o Governo fundou a *Academia Naval Real* e a *Academia Militar Real*, a *Biblioteca Nacional*, os *Jardins Botânicos Reais*, a *Escola de Cirurgia da Bahia* e a *Escola de Anatomia, Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro*.

Na área educacional, as primeiras escolas de Lei foram fundadas, em 1827, em Recife e São Paulo. O Brasil foi um País de desenvolvimento tardio das atividades de C&T e, conseqüentemente, das associações, congregando cientistas e tecnólogos.

Segundo Población (1993), no início do século XX, também se pode encontrar os antecedentes históricos da Biblioteconomia e Documentação no Brasil, a partir de influências européia e norte-americana. Durante o período de 1911 a 1992, pode ser identificado o desenvolvimento dessa área, com a criação dos cursos de graduação.

Apreciação da Ciência da Informação (CI) no mundo e no Brasil

Acabava a Segunda Guerra Mundial e a informação mantida secreta naquele período seria colocada à disposição do mundo. Um conselheiro do presidente Roosevelt, o Dr. Vannevar Bush, ocupou entre 1938 e 1942 a chefia do Comitê Nacional de Pesquisa depois *Office for Scientific Reserch and Development* cuja principal missão era congregar cientistas norte-americanos e europeus para um esforço de produzir instrumental para a Guerra.

Lidando com o problema da informação, Vannevar Bush escreveu, em julho de 1945, um artigo, considerado por muitos como o nascimento de uma nova etapa do trabalho para a informação em ciência. Seu artigo já citado *As we may think* fala sobre o problema da informação em C&T e possíveis entraves existentes para organizar e repassar para a sociedade as informações mantidas secretas durante a Guerra. O artigo e sua repercussão foi o marco para a criação de uma nova ciência voltada para os problemas da informação olhando mais para seu conteúdo, sua distribuição e seu consumo. O artigo de Bush indicava os obstáculos referentes: (**a**) à qualidade da formação dos recursos humanos na época; (**b**) ao instrumental deficiente para a recuperação do saber acumulado e não só de documentos físicos; (**c**) à falta de um arcabouço teórico para a disseminação dos conteúdos gerados pela explosão de informação, à época.

A este respeito, fazemos um parêntese para acrescentar que o professor Murilo Bastos Cunha (Universidade de Brasília) fez notável incursão sobre este aspecto em lista de discussão por ele coordenada: No momento, afirma que não existe um único fundador da Ciência da Informação, e, sim, vários. Entre eles, explicita as ações principais de Samuel Clement Bradford, (1878-1948); Suzanne Briet (1894-1989); Paul Otlet (1868-1944); S. R. Ranganathan (1892- 1972); Jesse H. Shera (1903), professor e diretor da *School of Library Science da Western Reserve University*. Assim sendo, retomando a origem da CI, e, em especial, o artigo de Vannevar Bush (*As we may think*), acrescentamos que ele provocou discussão naquela época e um ano após o término da Segunda Guerra Mundial promoveu a realização de dois eventos na *Royal Society*, a *Royal Empire Society Scientific Conference,* onde se discutiu a importância da informação, conduzindo à realização, em 1948, da *Royal Society Scientific Information Conference*. Nessa reunião, cerca de 350 cientistas e documentalistas de todo o mundo compareceram e discutiram o problema por 10 dias úteis. Um ano após essa Conferência, foi criado *o Institute for Information Scientists*, para acolher as novas idéias e os pesquisadores da nova área.

Em 1952, um grupo de cientistas da informação passou a reunir-se para discutir a organização da informação. É quando criam o *Classification Research Group*, para propor novas teorias para guardar e recuperar conteúdos de informação. Os

profissionais que fundaram o *Institute for information Scientists*, instituíram, ainda, ao final da década de 50, o primeiro curso de pós-graduação em Ciência da Informação na *The City University*, Londres. No pós-guerra, em 1945, muitos cientistas, percebendo a importância da informação em C&T para o desenvolvimento do mundo, começaram a tratar do assunto dentro de suas áreas: química, física, biologia, medicina e outras. Para não perder o *status* acadêmico, chamaram-na de Ciência da Informação. Nascia no exterior a CI, com uma paternidade completamente diferente da formada no Brasil.

Nesse contexto, houve, no Brasil, a instalação do então Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), em 1954, como órgão de produção e armazenamento de informações bibliográficas sobre documentos.

> Uma das primeiras iniciativas do Instituto [...], por exemplo, foi promover a realização consecutiva de cursos de "documentação científica" por meio dos quais o Instituto orientou inúmeros bibliotecários e outros interessados em biblioteconomia no fornecimento de serviços de informação científica... Contudo, surgiram os primeiros indícios de uma futura e desestabilizadora problemática. A eletrônica e a informática, com seus equipamentos, sua terminologia e suas perspectivas, pouco a pouco começaram a infiltrar-se no cotidiano daqueles profissionais, em especial no universo dos bibliotecários que militavam no Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação IBBD, onde a exposição a esse confronto era potencialmente maior (ODDONE, 2006).

Talvez, por esta razão, o IBBD, estimulado pela UNESCO e pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) transformou-se em Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), em meados de 1976, com o objetivo de apoiar o Sistema Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, por meio do acesso às informações em C&T e com a intenção de desenvolver e implantar uma rede de informação no País.

A ambiência da Biblioteconomia e Documentação no Brasil, diferentemente do resto do mundo, originou um contexto para a criação da Ciência da Informação que nasceu no nosso País vinculado ao campo da Biblioteconomia, seus princípios, suas técnicas e reflexões. Isso talvez ilustre porque todo um pensamento subseqüente relacionado ao ensino e à pesquisa da nova área ficou cativo até os dias de hoje aos eventos resultantes de uma ideologia tecnicista operando para a reunião, o acervamento e a distribuição por demanda de documentos em ciência e tecnologia.

> [...] o IBBD notou que os profissionais da área tinham uma formação de biblioteconomia convencional e que essa formação fazia com que não houvesse profissionais na área com conhecimento necessário para desenvolver os seus programas... Havia outros conceitos mais modernos de gestão. Por exemplo, o livro não era tão importante como a informação nele contida, conceito totalmente novo na biblioteca [...].
>
> Rosali Fernandez de Souza – Em sua gestão como diretora do IBBD, hoje IBICT, no ano de 1970: Gostaríamos que a senhora nos contasse um pouco das discussões, na época, sobre a concepção e estabelecimento de um curso de mestrado em Ciência da Informação

> no então IBBD, na década de 70, no Brasil. Qual era o ambiente para a criação do curso?
>
> Célia Zaher – Eu não diria que o ambiente fosse hostil. Ele não era favorável não só porque a universidade não havia aberto os braços para acolher essa idéia e para as dificuldades que eu estava tendo de criação do curso, mas também porque não podia apresentar um quadro de professores dentro do próprio quadro de funcionários, que era também um *handicap* muito grande. E, quando levantei essa hipótese, dentro do próprio IBBD, os meus colegas foram muito contrários. Primeiro, porque ele devia ter a orientação principalmente de criar um impacto na formação em todo o Brasil. Havia a necessidade de se criar uma nova elite, que teria de ser de professores (ZAHER, 1995).

Assim, nascida na dependência de uma área fraca, a Ciência da Informação não era sequer desejada na Instituição que abrigou seu nascimento. Essas condições históricas de sua criação esclarecem muito do que hoje acontece com toda a reflexão de pesquisa da área, seu ensino na pós-graduação e o conviver de seus profissionais numa associação de ensino e pesquisa como a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB).

A Universidade de que fala a professora entrevistada é a Universidade Federal do Rio de Janeiro conveniada desde 1956 com o IBBD e depois, IBICT, para oferecer cursos de informação em C&T. O programa de pós-graduação do IBBD colocou um novo paradigma para atuação no trato com a informação, a Ciência da Informação, que visava mais ao conteúdo dos documentos e à disseminação intencional do que à sua estrutura física e ao seu armazenamento. Ao longo dos anos, após 1970, tanto os cursos de graduação como os programas de pós-graduação passaram a copiar a denominação prestigiante, alterando para Ciência da Informação o nome das escolas e dos departamentos de Biblioteconomia e Documentação, tentando imprimir *status* científico e uma estratégia de mudança para um campo considerado de apoio técnico e que necessitava de importância na comunidade acadêmica.

A informação, a Ciência da Informação e a Biblioteconomia

Esta é uma relação delicada e necessita ser tratada com mais profissionalismo do que com afetividade e idealismo. Para ter a liberdade de proferir, assumi, neste momento, como autor, a voz direta, ou seja, a primeira pessoa do singular.

Acredito que a informação tem muitas maneiras de ser enunciada. Eu a nomeei como: "estruturas significantes com a competência de gerar conhecimento"; aquilo que, num contexto cultural específico, possui valor denotativo, evocativo, mágico e místico.

Acredito que o objeto de estudo da CI é um constante construir de princípios e práticas relacionados com: a criação da informação como ação humana de dar existência ao que não existia antes e, depois, sua distribuição com a intenção de atingir universos simbólicos compatíveis com a geração de conhecimento. É de seu objeto o estudo de seus diversos fluxos de transferência e nesse *continuum*, a CI pode utilizar

diferentes linguagens, uma variedade de formas e seguir através de uma especificidade de canais.

Acredito que a CI é interdisciplinar e que a interdisciplinaridade não floresce do trabalho de um pesquisador solitário. A interdisciplinaridade exige interação de pessoas trabalhando em conjunto, nas duas pontas, para este fim. A interdisciplinaridade não se constrói na desordem da emergência fortuita, solitária e utilitária.

Acredito que pesquisa em CI é um processo orientado para expandir as fronteiras da percepção do que acontece desde sua criação por um até o entendimento por outro, gerando saber acumulado; representa uma investigação ordenada e original, coerente com uma linha de pensamento conceitual e teórica; persegue o que é novo e deve mostrar evidências dessa novidade, apoiada por um método racional de ação. Não creio que modelar ou construir acervos ou estoque de dados ou informações se configure como uma pesquisa neste campo.

Acredito que a informação sintoniza o mundo, pois referencia o homem a seu passado histórico, às suas cognições prévias e ao seu espaço de com(vivência), colocando-o num ponto do presente, com sua memória e uma perspectiva de futuro; o espaço de apropriação, o lugar do conhecimento, se localiza num presente contínuo, onde os fluxos de informação se movem em diferentes níveis. Um nível que privilegia a forma, a guarda de objetos documentais e sua disponibilidade para uso. Neste nível, os fluxos estão agregados, por uma premissa de razão prática e produtivista com um conjunto de ações pautadas por decisões de um agir baseado em princípios e se relacionam com as atividades da área de Biblioteconomia.

Em outro nível, existem fluxos onde toda premissa é uma promessa, uma promessa de que a informação, mais conteúdo que forma, quando gerada pelo autor possa ser assimilada como conhecimento pelo receptor. Uma intenção de apropriação da informação para um subjetivismo que se quer privado. Um desfalecer da informação gerada para renascer um conhecimento recebido. Uma racionalidade pautada pela subjetividade e suas conseqüências cognitivas. Eis essas idéias num esquema (Figura 1).

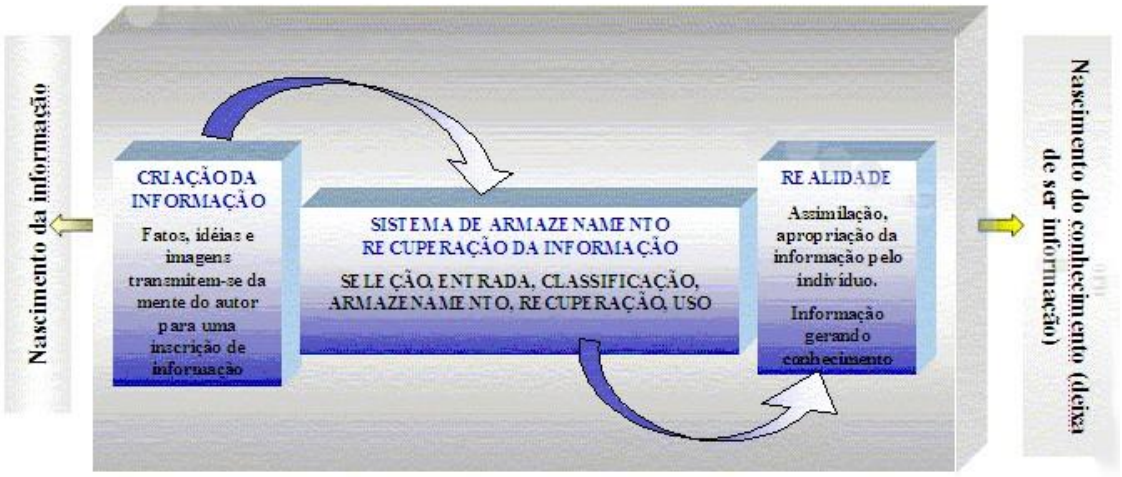


Figura 1 – Nascimento da informação e nascimento do conhecimento

A associação de pesquisa e ensino em informação

Os poucos iniciantes programas de pós-graduação em Ciência da Informação, por indução de agência de fomento governamental, começaram a realizar encontros, desde o início de 1980, para discutir problemas comuns e procurar soluções para seu funcionamento e para uma fundamentação da área de conhecimento que nascia. Havia interesse dessas agências em encaixar a informação em suas políticas nacionais de C&T a fim de seguir o padrão de valorização da informação adotado no exterior.

Foi por sua indução que aconteceu a realização dos encontros de pós-graduação para troca de idéias sobre problemas acadêmicos e administrativos dos cursos de pós-graduação. Esses encontros se estenderam até 1994, quando foi realizado o décimo terceiro e último, como parte complementar da programação da já existente ANCIB. Fundada cinco anos antes, em 1989, no Encontro realizado em Brasília com a finalidade de: "promover o desenvolvimento da pesquisa e de estudos avançados da Ciência da Informação e Biblioteconomia no Pais", como indica seu estatuto fundador, aprovado em Assembléia Geral, 23 de junho de 1989, por ocasião do X Encontro Nacional de Cursos de Pós-graduação em Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação.

Mas, na verdade, a ANCIB, com a exceção de pequeno grupo, era mais uma criação e esperança da agência fomentadora que cumpria seu papel no cenário científico nacional. Havia necessidade de colocar em prática o plano chamado *Ação Programada em ICT*. [informação científica e tecnológica]. Era um programa nacional de informação preparado pelo Governo e pela comunidade de C&T, lançado em outubro de 1984, mas sem ter conseguido alavancar as ações que preconizava. Isto, devido ao fato de que grande parte dos atos da ação programada exigia um novo olhar para o desenvolvimento do universo da informação no Brasil. Um olhar que demandava aceitação de novas técnicas e necessidade se privilegiar o conteúdo do documento e sua disseminação apropriada ao invés de cuidar de sua forma e de sua estocagem para uso por demanda de documentos convencionais. Adotamos esta denominação – documento convencional – para designar o documento tradicional, linear e impresso e, portanto, diferenciar dos documentos em formato digital.

Em julho de 1992, três anos após sua fundação, a ANCIB enviou um projeto de pesquisa conjunto da área e em seu nome ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), solicitando aprovação e fomento da agência governamental. Em maio de 1994, a fomentadora aprova o primeiro e único projeto de pesquisa apresentado pela ANCIB em nome de toda a área. O projeto constava de cinco subprojetos: (**1**) estudo da produção cientifica; (**2**) literatura cinza na CI; (**3**) mercado de trabalho da área; (**4**) balcão de informações no mercado emergente de CI; (**5**) o profissional e o mercado no âmbito do Distrito Federal.

Cada projeto era capitaneado por um pesquisador. A iniciativa de enorme valor agregativo não representava, contudo, um real anseio de reflexão do campo, nem demonstrava, no conjunto, uma coerência lógica de um entrosamento conceitual com os princípios da nova ciência. Muito pouco se sabe sobre os resultados dessa relevante empreitada em termos de criar um movimento conjunto de pesquisa na área. Esta informação está no Informe em Ciência da Informação, publicado pela ANCIB, em 1993. Anunciava, ainda, o Informe a realização do décimo segundo e penúltimo

Encontro dos Cursos de Pós Graduação em Ciência da informação e Biblioteconomia e a recomendação da ANCIB em priorizar, nos eventos futuros, a pesquisa da área. Indicava a realização para outubro de 1993, em Belo Horizonte, do novo modelo de evento denominado *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, no momento, com a sigla ENPeCI, pois nessa primeira investida, se abandonava a denominação Biblioteconomia para o novo formato das reuniões nacionais.

Contudo, tal independência foi curta. A descendência falou mais forte e o segundo encontro já foi realizado com o nome de Encontro Nacional de Ciência da Informação e Biblioteconomia (ENANCIB, hoje Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação), o que, praticamente, denotava a existência de duas "coisas" sendo a "mesma coisa". Ainda, dentro do I ENPeCI, em Belo Horizonte, realizou-se, como antes citado, o décimo terceiro e último *Encontro Nacional dos Cursos de Pós Graduação em Ciência da Informação*. (ver Informe 16 de 1993, Anexo 1).

Em 1997, a agência governamental reuniu a liderança da área em Brasília para indicar uma *Proposta para o programa de indução de pesquisas na área de Ciência da Informação*. Embora não tenha sido amplamente divulgado ou operacionalizado, consta do Anexo 2. Para ilustrar este registro, é interessante verificar o quanto ele ainda é atual.

É importante notar que, em 1989, data da criação da ANCIB , dois campos praticamente idênticos são colocados como espaços diferenciados para o ensino e a pesquisa da informação. E mais, em 1997, oito anos após a fundação da Associação, o Governo procurava, ainda, ajudar a sedimentação de um outro olhar sobre a área no Brasil.

O mais importante dessas observações do contexto remoto é verificar que a ANCIB não foi criada, unicamente, pela vontade e afinidade dos membros ativos pertencentes a uma área autônoma de conhecimento. Não nasceu a partir de um movimento de agregação para representar e ser a soma de preocupação de pesquisa ou uma associação com forte afetividade de interesses comuns partilhados. Porém, desde sua criação, a Associação tem procurado direcionar e interpretar a área. Seus encontros nacionais são as reuniões mais importantes para se apreciar os rumos da informação como campo de conhecimento. Nesses encontros, a pesquisa é colocada em diferentes grupos homogeneizantes, como que para explicitar a significância do campo para todos os que trabalham com a informação.

A constante troca de nomenclatura dos grupos de classificação de pesquisa da ANCIB tem ocorrido a cada Encontro. Na realidade, a troca do nome pouco modifica estruturalmente sua categorização. Apenas reclassifica interesses momentâneos mais do que desejos explícitos de uma mudança de rumo, exceção feita a alguma introdução de um grupo julgado emergente pela organização do momento.

Quem se une a uma sociedade científica deve mostrar desejo de participar do desenvolvimento daquele campo de saber e conhecer os relatos de como isto está ocorrendo. Um caminhar juntos para participar de um destino comum. Só com essas condições pode uma associação ser forte e demandar, com intensidade reivindicatória, uma agenda de interesse comum. A ANCIB, com suas reuniões, vem mudando a reflexão da área, embora em ritmo muito lento.

Em 2002, quando a CI mantinha seis programas de pós-graduação, a indicação da avaliação da agência própria para a pós-graduação revela o desencanto com o conteúdo e os rumos da área no Brasil:

> A bem da verdade, a avaliação continuada da CAPES [Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior] deixou uma preocupação em relação a uma área que não demonstra muita vitalidade, à qual faltam grandes idéias, grandes iniciativas, certa ousadia. A área ousa muito pouco: menos que o desejável, em todo caso. Esta é a sensação que permanece. Ou continuamos fazendo nossas pesquisas com uma visão muito imediatista e de aplicação local, e rapidamente seremos varridos do mapa das agências, ou começamos a fazer de fato uma ciência com C maiúsculo, que pode até se caracterizar por sua especificidade conquanto consigamos explicitar no que esta consiste. Caso contrário, se formos avaliados pelos critérios tradicionais da pesquisa, nossa fragilidade se manifestará rapidamente (SMIT; DIAS; SOUZA, 2002).

De alguma forma, o criador reconhecia que a criatura criada tão desejosamente para induzir na academia seu ideal de um plano de informação em C&T adequado não respondia aos anseios para arquitetar e executar uma agenda diferenciada e voltada para as práticas e reflexões emergentes de uma área já dominada por uma tecnologia intensa em inovação.

A pesquisa na área de Ciência da Informação

Desde a criação dos ENANCIB, os encontros nacionais de pesquisas vêm representando significativo esforço de agregação da ANCIB para reunir pessoas e objetivos num pensamento comum. As pesquisas são apresentadas pelos militantes para apresentação pública em diferentes grupos de pesquisa. Assim, desde o primeiro Encontro, os grupos, como já indicamos, vêm se modificando mais ao sabor classificatório das diferentes diretorias do que pelas características emergentes da área. Isto fica quase evidente, pois mais de 60% das pesquisas apresentadas nos 16 anos de realização dos eventos puderem ser agrupadas em três blocos tradicionais de pesquisa do "núcleo forte" da área:

1- **Mediação, circulação e uso da informação** – que inclui, principalmente, aplicação e uso da informação em diferentes contextos e transferência e consumo das estruturas de informação direcionadas por diferentes canais e fluxos da informação.

2- **Organização e representação da informação e do conhecimento** – com foco nos temas relacionados à agregação da informação por homogeneização e ordenação, incluindo sua classificação todos os demais instrumentos para sua organização e controle temático, como seu acervamento em estoques para armazenamentos, procedimentos de recuperação e sua reformatação outros universos terminológicos, como ontologias, metadados, metainformação, etc.
3- **Gestão da informação nas organizações** – lidando com a gestão dos acervos documentais, administração de unidades de informação em deferentes tipos de organizações, o papel da informação tecnológica nas empresas e na indústria, custos, economia da informação e da comunicação e demais tópicos aderentes.

Estatísticas recentes sobre as pesquisas e os grupos de trabalho não são numerosas. Assim, procuramos reconstruir na Tabela 1, já apresentada na literatura da área (MIRANDA; BARRETO, 2000), as pesquisas do ENANCIB para determinado número de anos, com a ressalva de que efetivamos a agregação, a partir dos dados colhidos por nós diretamente das pesquisas apresentadas no ENANCIB e de artigos da revista *Ciência da Informação*, do IBICT.

Tabela 1 – Sobre pesquisas relatadas no ENANCIB

GRUPOS DE PESQUISA	ENANCIB 1997 N pesquisas	Ciência da Informação N artigos 1997 / 2000	ENANCIB 2000 N pesquisas
Mediação, circulação e uso da informação	27%	19%	17%
Organização e representação do conhecimento	24%	27%	36%
Gestão da informação e do conhecimento nas organizações	22%	17%	23%
Informação e tecnologia	6%	27%	19%
Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação	3%	5%	5%
Outros	8%	6%	----

Fonte: Miranda; Barreto, 2000

Verificamos que os núcleos aparecem sempre, independentemente da nomenclatura do momento, em todos os grupos dos ENANCIB. Quantitativamente os três primeiros grupos da Tabela 1 representam:

- 73 % das pesquisas relatadas em 1997.
- 76 % das pesquisas relatadas em 2000.
- 63% dos artigos da revista *Ciência da Informação*, para quatro anos.

Dados mais recentes de um artigo (SILVEIRA; BAZI, [2006?]) e dissertação de mestrado, que estudou os artigos publicados em 10 anos na mesma revista, entre 1995 e 2005, relacionam os artigos publicados com os grupos do ENANCIB. (Figura 2).

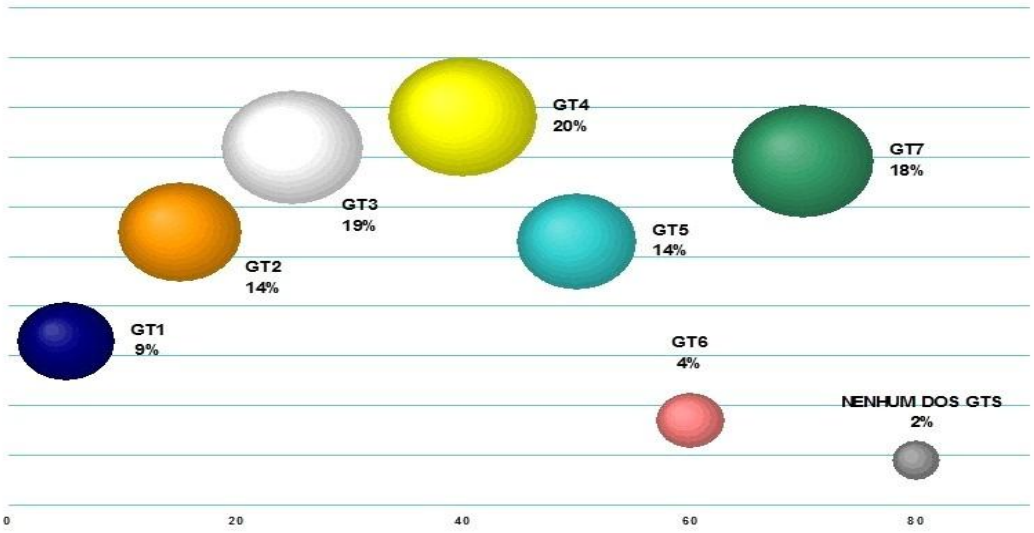


Figura 2 – Artigos publicados em *Ciência da Informação* e sua relação com os grupos do ENANCIB, 1995 - 2005

A mediação, circulação e uso da informação (GT3) representaria 19 % dos artigos nos 10; gestão da informação e do conhecimento nas organizações (GT4) representa 20 %; organização e representação do conhecimento (GT2) representa 14 % e produção e comunicação da informação em CT&I (GT7) entra com 18 % . Assim se somarmos os percentuais dos núcleos fortes, os mesmos indicados na tabela 1, veremos que eles representam 71% dos artigos da revista *Ciência da Informação*, estudada em 10 anos.

É nosso pensamento que a área de CI, na contemporaneidade, deveria pesquisar e ensinar os elementos formados por três mundos: (**1**) o mundo da realidade subjetiva, como espaço do arcabouço e das construções teóricas, dos conteúdos de significação conceitual relacionados à geração, interpretação e assimilação da informação como mediadora do conhecimento; (**2**) o mundo da realidade dos objetos e técnicas, como espaço dos sistemas materiais de acervamento de documentos, dos instrumentos, das normas e técnicas relativas ao controle dessa agregação, desse armazenamento e da recuperação da informação para possível uso; (**3**) o mundo da realidade do ciberespaço, como espaço dos símbolos cibernéticos, lugar dos estoques eletrônicos dos documentos em formato digital, das redes de colaboração em tempo real, ou seja, o lugar das interfaces e comunicação entre os humanos e o computador, um espaço onde se pode habitar por vivência, mas sem presença.

Seria uma habilidade a ANCIB construir uma agenda de convencimento e de indução para harmonizar a atividade dos pesquisadores, docentes e alunos na melhor interação possível dos três mundos. Contudo, verifica-se, até pelos dados indicados anteriormente, que existe forte predominância do mundo dos objetos e das técnicas com alguma participação das construções teóricas que na área correm atrás das técnicas estabelecidas para tentar explicar seu comportamento. Hoje, temos algo como o representado na Figura 3.

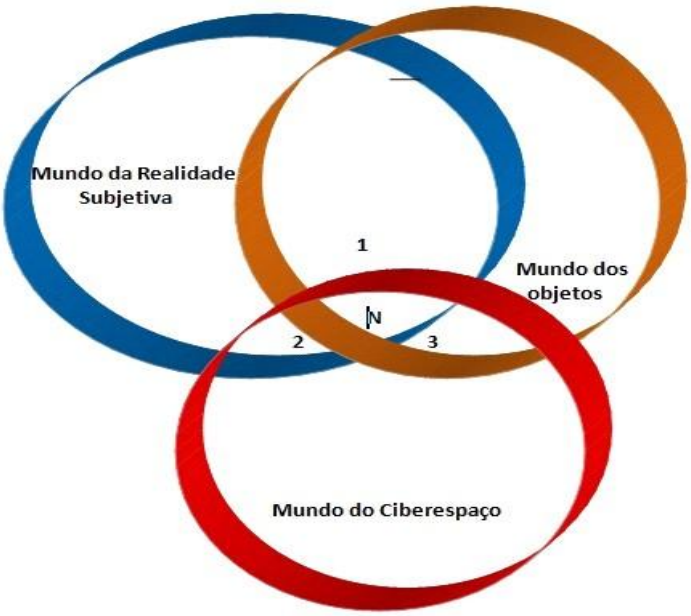


Figura 3 – Interação entre os três mundos (realidade subjetiva, objetiva e referente ao ciberespaço)

A maior interação se dá no espaço um, sendo praticamente desprezível a interação com os espaços dois e três. O ciberespaço e os documentos digitais ainda não habitam os pensamentos da área tanto para ensino como para a pesquisa.

Com os documentos no mundo do ciberespaço em formato digital, surge um novo regime de informação, inclusive a escrita e a leitura dos documentos e sua documentação. Tradicionalmente, a escrita convencional se dá em dois estágios: o primeiro da criação, quando a idéia está se formando livremente no imaginário do gerador; o segundo, quando a ideação é traduzida para uma inscrição de informação, editada de acordo com as regras do código lingüístico. Na escrita digital, os dois estágios se unem. O autor da informação faz a edição no momento de sua criação. Seu pensamento se mescla com a montagem das palavras em pixels de carbono numa tela de raios catodos. São momentos fantasmagóricos da criação e transferência eletrônica da informação.

Os enunciados têm sua inscrição reduzida e simplificada e, de alguma maneira, subvertem a estrutura da linguagem, pois agregam ao enunciado uma imagem, um vídeo e sonorização. Os conteúdos em formato digital não estão presos a uma paternidade definida. Eles se realizam na transparência das relações interpessoais, onde nenhuma linguagem comanda a outra ou o conteúdo.

Uma escrita é, assim, formada pelas inscrições que uma linguagem fixou num determinado formato de suporte. Uma agregação que compõe um todo significante, o traço que a grafia fixou num formato base. Pode estar num traçado linear ou em forma digital, mas é denunciada pela marca de uma escrita com a possibilidade de apresentar, no mesmo contorno, uma explanação verbal.

Convivemos, cada vez mais intensamente, com a escrita aberta. O interesse na leitura digital e suas possibilidades vagueantes vêm da sedução da viagem por espaços tramados. O documento digital traz um novo padrão, que é a marca de uma nova

escrita. Os documentos de amanhã serão, em sua maioria, digitais e a área não está preparada para tal encontro.

As bases cêntricas de inscrição da narrativa foram virtualizadas. Estamos convivendo com um novo padrão de documento e, presenciando um momento fascinante de transformação e transgressão nos padrões da comunicação. Não se trata mais da existência da internet. Vivemos, agora, o arrebatamento das conseqüências que ela provoca.

O documento não é mais fixo numa única base e pode ir por diferentes espaços para explicar ou enriquecer seu tema com diversidade cultural. A condição de leitura também não permanece a mesma. O deciframento ainda vai de signo a signo, mais o signo se espacializou e sua agregação exige, cada vez mais, uma apresentação com visualização amigável, capaz de eliminar o estresse cognitivo da assimilação. A expressão – estresse cognitivo – representa o estresse provocado pelo exame de uma grande quantidade de informação e o tempo necessário para sua interiorização. Quando a informação é apresentada de maneira visualmente destinada à percepção, numa estrutura gráfica que permite a visualização amigável, o esforço cognitivo é diminuído para o receptor, no processo de decodificação. Uma tranqüilidade cognitiva permite o receptor lidar com o viés relevante da informação, pois a sensação pode ser transmitida visualmente.

A leitura, na atualidade, é imagética em sua visualização e nos canais de transferência transitam com velocidade diferenciada. A interatuação necessária para manter em contato emissor e receptor tem novas regras de afetividade. A inscrição em formatação digital, como a magia, opera na dimensão das sensações espaciais quando das percepções do imaginário.

A imaginação do objeto e sua representação foram modificadas, pois a coisa imaginada dispersou-se num fluxo contínuo de significados que vão se construindo em tempo fabuloso. No espaço cibernético, o significante explodiu em novas paisagens do imaginário.

O imaginário explodido no meio eletrônico adia significado dos enunciados até que se percorra todo o caminho dos documentos entrelaçados. O significado num documento digital nunca é total, todos os significados ficam com sua percepção adiada até o receptor percorrer o fluxo de metáforas que a intertextualidade permite e complete a trilha escolhida para seu caminhar nos espaços de significação.

Assim, ao contrário do regime de documentos impressos, que propõem um centro e oferecem uma ordem para a leitura, a escrita digital pode ser transformada, por decisão do leitor, numa malha de blocos de textos interconectados, em movimento e descentrados.

A metáfora é criada, quando aponta essas saídas do texto central e realiza a transição no documento. Neste sentido, o *link* passa a compor a estrutura da linguagem digital propondo unidades de leitura intercambiáveis. A metáfora de saída do texto potencializa seu significado, produzindo um terremoto de palavras que se agregam por adição, comparação, negação e substituição temática. O texto tutor, seja ele o primeiro ou um dos muitos elos, será sempre quebrado, interrompido em total desrespeito por suas divisões naturais; "o trabalho do texto superposto, é o momento que se subtrai toda a ideologia de totalidade e consiste precisamente em maltratar o texto, em cortar-lhe a palavra." (BARTHES, 1992).

A metáfora digital se estabelece, então, como um rizoma na negociação entre o receptor e o documento. O rizoma é um conceito desenvolvido por Deleuze e Guattari (1995)**,** no livro intitulado *Mil platôs*. Os autores utilizam a metáfora de um tipo de vegetação aquática, que se desenvolve na superfície da água. Sem tronco ou caule, é totalmente ramificada. Segundo Landow (1997), o rizoma opõe-se à idéia de hierarquia, pois ao contrário da estrutura de uma árvore, um rizoma, em tese, pode conectar um ponto a qualquer outro, oferecendo muitos começos e muitos fins.

Retomando o fato de que a metáfora digital se estabelece como um rizoma na negociação receptor e documento, acrescentamos que isso acontecerá por avaliação e negociação de seu interesse em permanecer ou ir com o *link*. É uma oposição a idéia de hierarquia textual, pois o documento, através de seus caminhos de leitura, vai elegendo os sucessivos centros da narrativa. E o caminhante tem, no caminho da percepção, infinitas opções de referências potenciais e o caminhar só é limitado pelas competências de seu próprio conhecer. Por isso a assimilação do conhecimento por meio de um documento digital é diferenciada e qualitativamente melhor. O documento digital facilita a inclusão à informação e, assim, a inclusão social.

Assim será o regime de informação de amanhã com a predominância dos documentos digitais e a ANCIB precisa agendar seu futuro com o futuro regime da informação. Esta não será tarefa fácil por motivo de sua descendência e de sua criação.

Os especialistas da área não podem estar mais pesquisando e ensinando técnicas de administrar e ordenar estoques de documentos formatados desconhecendo que importante é adequar conteúdos para gerar conhecimento. Este conteúdo se digitalizou e está em rede e em estoque eletrônicos.

Lesk (1995) nos dá sua versão para os dias atuais da informação num artigo chamado *As sete idades da informação*. A primeira idade começa em 1945, com o artigo antes citado de Bush e a informação passaria pelas seguintes fases, que ele bem explica em seu texto:

Infância	1945-1955
Idade escolar	Anos 60
Idade adulta	Anos 70
Maturidade	Anos 80
Crise da meia idade	Anos 90
Realização	Anos 2000
Aposentadoria	2010

Segundo Lesk (1995), o último tempo, de aposentadoria do regime atual de documentos convencionais aconteceria 65 anos após o artigo *As we may think* de Vannevar Bush quando, em sua opinião, todo o trabalho de digitação e conversão dos documentos de todas as bibliotecas existentes para texto digital teria acabado e existiria uma superlinguagem multimídia possibilitando a informação ser recuperada e consultada por intermédio de qualquer *gadget* eletrônico, além do computador. Nesse tempo, só uns poucos intelectuais, aqueles que ainda reverenciam os livros, iriam a sua busca em espaços próprios destinados a esse tipo de material. E isto segundo o mesmo autor, aconteceria em 2010, ou seja, no próximo ano. Mais cremos, com esperança, que a ANCIB está trabalhando para a harmonização de uma tradição operacional já construída e um futuro técnico que se anuncia já no presente.

REFERÊNCIAS

ACCADEMIA DEL CIMENTO. [**Dados dispersos**]. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/ wiki/Accademia_del_Cimento>. Acesso em: 8 jun. 2007.

ACCADEMIA DEI LINCEI.[**Dados dispersos**]. Disponível em: <http://www.lincei.it>. Acesso em: 8 jun. 2007.

BARRETO. A. de A. A liberdade das vozes. **DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação**, v. 4, n. 6, dez. 2003.

BARTHES, R. **S/Z**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

BUCKLAND, M. Paul Otlet: pioneer of information management. **School of Information Management & Systems**, Disponível em: <http://www.sims.berkeley.edu/~buckland/otlet. html>. Acesso em: 8 jun. 2007.

BUSH, Vannevar. [**Sobre As we may think**.] Disponível em: <http://www.theatlantic.com/doc/ 194507/bush> e <http://pt.wikipedia.org/wiki/As_We_May_Think>. Acesso em: 29 mar. 2009.

CIÊNCIA e tecnologia do Brasil. Disponível em: <http://www.lusoafrica.net/v2/index.php? option=com_content&view=article&id=95&Itemid=116>. Acesso em: 8 jun. 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 1995.

ENCICLOPÉDIA [de Diderot e D'Alembert]. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/ Encyclop%C3%A9die>. Acesso em: 7 jun. 2007.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HOBSBAWM, E. **Era dos extremos**: o breve século XX. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

LANDOW, George (Org.). **Teoría del hipertexto**. Buenos Aires: Paidós, 1997.

LESK, M. **The seven ages of information retrieval**. 1995. Disponível em: <http://www.lesk. com/mlesk/ages/ages.html>. Acesso em: 28 mar. 2009.

MIRANDA, A.; BARRETO, A de A. Pesquisa em Ciência da Informação no Brasil: síntese e perspectiva. **DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação**, v. 1, n. 6, dez. 2000.

OS MITEMAS [de Claude Lèvi-Strauss]. Disponível em: <http://www.geocities.com/RainForest/Jungle/6885/mitos/m01intro.htm#mitema>. Acesso em: 9 jun. 2007.

ODDONE, N. O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a Ciência da Informação no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília – DF, v. 35, n. 1, p. 45-56, jan./abr. 2006.

OLIVEIRA, Adilson J. A. de. **A busca pelo começo**. 2005. Disponível em: <http://pordentrodaciencia.blogspot.com/2005/05/busca-pelo-comeco.html>. Acesso em: 21 maio 2009.

POBLACIÓN, D. A. Investigación y estudios de posgrado en Ciencia de la Información y Biblioteconomia en Brasil: dos etapas (1979-1985 y 1986-1992). **Ciencias de la Información**, Habana, v.24, n.1, p.16-21, mar. 1993.

RIZZINI, C. **O livro, o jornal e a tipografia no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1988.

SILVEIRA, Murilo Artur Araújo da; BAZI, R. **As referências nos estudos de citação**: algumas questões para discussão. [2006?]. (*Preprint*). (Trabalho baseado na Dissertação de Mestrado, Rede de textos científicos: um estudo sob a ótica da institucionalização da Ciência da Informação no Brasil, de autoria do primeiro autor).

SMIT , J. W.; DIAS, E. W.; SOUZA, R. Fernandez de. Contribuição da pós-graduação para a Ciência da Informação no Brasil: uma visão. **DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação**, v. 3, n. 6, dez. 2002.

VIRILIO, P. **A arte do motor**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

WIENER, Norbert. [**Sobre Cybernetics**]. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Norbert_Wiener>. Acesso em: 29 mar. 2009.

ZAHER, Célia Ribeiro. C. R. Zaher: entrevista. Entrevistadora: Rosali Fernandez de Souza. **Ciência da Informação**, Brasília – DF, v. 24, n. 1, 1995.

ANEXO 1

PROPOSTA PARA O PROGRAMA DE INDUÇÃO DE PESQUISAS NA ÁREA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

1 Introdução

Este documento é o resultado do Seminário promovido pelo CNPq, visando identificar temas para indução de pesquisas na área de Ciência de Informação, e representa o consenso dos participantes.

Um dos aspectos prioritários nessas áreas de conhecimento é o que diz respeito á formação de mão-de-obra qualificada. Inexistem hoje, no Brasil, pesquisadores em número suficiente para dar conta de todas as necessidades em pesquisa e ensino na área da Ciência da Informação. Considerando esta carência, sugerem-se ao CNPq algumas ações práticas que se acham listadas após a relação e detalhamento dos temas a serem induzidos para pesquisa científica em caráter prioritário.

2 Fundamentação

Certamente, torna-se hoje ociosa toda e qualquer argumentação em favor da relevância de estudos sistemáticos e sólidos na área da informação compreendida como um todo. Pois é inegável que o mundo contemporâneo entrou de forma irreversível numa fase nova em relação ao tratamento, disseminação e uso da informação em função das mais diversas atividades no dia-a-dia de todo e qualquer cidadão.

Torna-se, pois, imprescindível que o país se prepare para esta nova realidade. Para tanto, e para que a área de Ciência de Informação possa dar sua contribuição neste processo, será importante que ela enfrente alguns dos problemas identificáveis em sua situação atual e que são:
. um número ainda insuficiente de pesquisas;
. o recurso a frágeis metodologias de investigação;
. problemas de conceituação que dificultam o diálogo entre os pesquisadores da área e entre estes e os pesquisadores e profissionais de áreas afins;
. a ainda insuficiente incorporação de novas tecnologias na solução de seus problemas próprios;

Levando estes aspectos em consideração, bem como a necessidade que tem a área de contribuir para a incorporação do país e seus cidadãos no cenário global contemporâneo, os participantes deste Seminário apresentam a proposta a seguir detalhada.

Os equívocos iniciais com a Biblioteconomia e a Informática, denominação adotada na antiga União Soviética e nações do leste europeu e as diferentes nomenclaturas recebidas em países de culturas e tradição científica distintas, como Informação Científica, Biblioteconomia e Ciência da Informação, Ciência e Tecnologia da Informação, utilizadas principalmente por Cuadra e Taylor, até Ciência e Engenharia de Informação, estão devidamente esclarecidos, no exterior, e a denominação Ciência da Informação consolidada, embora algumas vezes ainda seja acoplada a alguma outra disciplina, em decorrência da ênfase de abordagem ou mesmo ausência de estudos teóricos que possam clarificar a questão.

No entanto, a informação de que trata a Ciência da Informação, o processo de comunicação em diferentes contextos, a "universalidade dos processos de informação" e, principalmente, os conteúdos disciplinares da Ciência da Informação, estão obscuros e flutuam em uma escala tão vasta que a área corre o risco de perder seus horizontes científicos, por mais que variações e diferentes correntes de pensamento sejam naturais em ciências.

Por outro lado, mesmo os teóricos da área reconhecem a ausência de um sólido terreno teórico, essência do estágio científico de qualquer área, na visão tradicionalista. Este parece ser um problema

não exclusivo da Ciência da Informação, mas de campos do conhecimento mais recentes, surgidos no limiar dos anos 50 e 60 e que marcam a era da sociedade da informação.

É inquestionável a sua interdisciplinaridade, ainda que este conceito nem sempre esteja claro, mas a sua natureza científica, de acordo com os pesquisadores da área, oscila entre ciência social, tecnologia, aplicabilidade ou prática, o que depende do enfoque de informação, que pode ser desde "um ato criativo do intelecto ou *commodity* a elemento transformador de estruturas."

Depois do conceito de relevância de Saracevic, os construtos teóricos pouco tem contribuído para uma análise sistemática da teoria, segundo Zunde e Gehl. Esses dois autores, do *Georgia Institute of Technology*, são alguns dos pesquisadores que estudam a Ciência da Informação numa linha epistemológica, e definiram os pressupostos de uma disciplina científica que, substancialmente, deveria:

- identificar e delimitar sua área específica de estudo e seus problemas de pesquisa fundamentais ou núcleos (*core*);
- Ter desenvolvido seus próprios construtos e linguagens para descrever a sua matéria de estudo cientificamente, para derivar regras significativas correspondentes (incluindo definições operacionais, medidas, etc.) entre construtos e os dados empíricos;
- Ter descoberto leis empíricas que expressem certa relação de continuidade com o fenômeno observado;
- Ter formulado, em termos de teoria ou conjunto de teorias, uma ampla e sistemática estrutura, que abarque família de leis empíricas e as explane cientificamente, de maneira racional.

Acerca das teorias, considerando a Ciência da Informação "principalmente prática e tecnológica", algumas constatações tem sido expostas:

- "teorias que sugerem novos princípios para serem testados são altamente necessárias na Ciência da Informação [...]" e
- "explanações unificadoras [...] podem ter o status de quase-teorias ou talvez teorias comuns a outras disciplinas."

Gernot Wersig é uma das exceções, ao distinguir a Ciência da Informação das ciências clássicas, como protótipo de ciência pós-moderna, originária, como outras surgidas nas últimas décadas, da mudança do papel do conhecimento e da informação, na complexidade acentuada pelas modernas tecnologias. A Ciência da Informação não buscaria solução de problemas, mas sua completa compreensão, com abordagens que ocorrem por "contradições e complexidades."

Em resumo, permanecem indefinições sobre a natureza da Ciência da Informação, sua essência e autonomia como uma ciência social e, conseqüentemente, a cientificidade de seu corpo teórico de conhecimentos, métodos, leis e teorias, mesmo considerando as peculiaridades de seu objeto de estudo – a informação.

3 Proposta

Tendo em vista a necessidade de indução de pesquisas na área de Ciências da Informação que levem em conta as interfaces com outras áreas e estimulem a interação entre os pesquisadores, o CNPq, assessorado pela própria comunidade científica, define como núcleos temáticos prioritários para investimento, os seguintes:

3.1 Núcleos temáticos

1. **Estudos dos fundamentos da Ciência da Informação** com vistas à consolidação da área e construção de bases teórico-conceituais e metodológicas que levem à identidade da área numa reflexão de natureza interdisciplinar.

Estudar e desenvolver conceitos e modelos fundamentais para a Ciência da Informação;

Desenvolver as bases teóricas para o estudo da informação como objeto da Ciência da Informação, nos seus diferentes contextos;

Realizar pesquisas que investiguem a interdisciplinaridade da área nos aspectos teóricos e aplicativos;

Estudar a história da Ciência da Informação no seu processo evolutivo como campo do conhecimento; e

Investigar os impactos das tecnologias da informação nos conceitos e no arcabouço teórico da Ciência da Informação

2. **Estudos de padronização terminológica na língua portuguesa** (envolvendo métodos, técnicas e teorias de tratamento sistemático da informação) com vistas à fundamentação teórico-científica que fomente investigações com projetos que conduzam a tecnologias e conhecimentos para a disponibilização, acesso e sistematização da informação no contexto dos modernos meios e das necessidades da sociedade contemporânea.

Justificação e Operacionalização: o Brasil carece hoje de estudos na área de terminologia ou de definição terminológica que se desenvolvam numa estreita interface com áreas tais como a lingüística e a ciência da computação, permitindo um tratamento ordenado da informação. Trata-se de propor trabalhos de investigação que podem ser exemplificados da seguinte maneira:

- **a.** construção de teorias e métodos de tratamento terminológico, seja do ponto de vista de formação de glossários, thesaurus etc., tendo como objetivo básico desenvolver teorias, metodologias, tecnologias e não propriamente produtos;
- **b.** tratamento da terminologia de uma determinada área de conhecimento com vistas à indexação, recuperação e disseminação de informação gerada nessa área utilizando tecnologias conhecidas ou sugerindo novas metodologias e tecnologias;
- **c.** tratamento da terminologia sistematicamente considerando algum setor de produtividade (indústria, comércio, serviços, saúde...) ou domínios da vida cotidiana (trabalho, religião, lazer, ensino etc.) com vistas a sistematizar as formas de acesso e manuseio de informações nessas áreas, âmbitos ou domínios;
- **d.** não se espera apenas o desenvolvimento de produtos, tais como thesaurus, relações gerais de termos, séries de termos técnicos etc., mas, de maneira especial, projetos que se dediquem a fundamentar teórica e metodologicamente trabalhos nessas áreas.

3. **Estudos relativos a problemas emergentes na constituição de bibliotecas digitais:** investigações que apontem perspectivas de soluções que envolvam as ações implicadas desde o processo de produção até o uso das informações.

Justificação e Operacionalização

Justificação: As questões que motivam o desenvolvimento de estudos relativos a problemas emergentes na constituição de bibliotecas digitais são:

- **a.** salvaguarda e valorização do patrimônio através da digitalização sistemática das obras e demais bens culturais;
- **b.** bibliotecas digitais viabilizam a disponibilização de obras raras, de difícil acesso;
- **c.** disponibilização de conteúdos nacionais de qualidade na Web para o desenvolvimento da educação, da cultura e da pesquisa no país. As bibliotecas digitais são parte essencial desses conteúdos, uma vez que servem para viabilizar a educação à distância e pesquisa colaborativa, baseada em tecnologia da informação.

Operacionalização:

- **a.** estabelecimento de consórcios (multiinstitucionais e multidisciplinares) de midiatecas virtuais suscetíveis de apoiar o ensino – desde a rede primária até a universidade – e a pesquisa, oferecendo recursos adaptados à resolução de problemas gerados em todos os setores da vida social e científica;

b. programas para promover a capacitação de bibliotecas com recursos para digitalização, armazenamento e acesso à internet;
c. projetos para o intercâmbio entre as diferentes bibliotecas digitais;
d. pesquisas e aplicações no "design", desenvolvimento e avaliação de bibliotecas digitais.

4. **Desenvolvimento de metodologias e tecnologias que contribuam para a compreensão, construção e sistematização de informações** que levem a geração de instrumentos úteis na formulação de políticas de planejamento, avaliação, investimento, gestão empresarial etc., nos diversos setores da vida socioeconômico-cultural.

a) Políticas científicas

A formulação de políticas científicas para uma sociedade depende de, além do conhecimento dessa sociedade, a existência de instrumentos metodológicos e tecnologias que permitam a avaliação da situação vigente das áreas científicas que seriam objeto de tais políticas.
No entanto não tem havido no Brasil esforço organizado para levantar dados sobre sua própria produção científica e portanto não tem sido possível a elaboração instrumental tais como indicadores sobre a produção científica, do mapeamento do fluxo da informação, e outros.

b) Informação para gestão empresarial

As mudanças que estão acontecendo no contexto industrial e comercial obrigarão às empresas a modificar estruturas de organização e produção. Novos instrumentos e ambientes informacionais surgirão como fruto de:

- globalização da produção e do comércio
- comércio eletrônico
- natureza do vínculo empregatício
- mercados emergentes.

Estes novos ambientes informacionais exigirão novas ações de formulação de políticas de planejamento, investimento de infra-estrutura e processos de avaliação.
Paralelamente, será necessário viabilizar, sobretudo para as pequenas empresas, o acesso às novas informações vitais para sua sobrevivência no mercado.

5. **Informação Digital e Cidadania:** desenvolver pesquisas que levem a estratégias de disseminação da informação necessárias ao fortalecimento da cidadania, promovendo a alfabetização digital e a inserção dos grupos sociais – em especial, os menos favorecidos geográfica e economicamente - na sociedade de informação.

Justificação e Operacionalização: Nas áreas mais distantes dos grandes centros urbanos do país, bem como na periferia das metrópoles, é mínima ou inexistente a penetração da nova tecnologia de informação. Para que essas comunidades não se encontrem à margem da sociedade da informação, mas ampliem, pelo contrário, suas possibilidades de desenvolvimento, em todos os sentidos, é imprescindível identificar os problemas que se colocam nesse processo de disseminação dos novos modos de informação bem como apontar para as soluções possíveis.

Temas para investigação, exemplificadamente:

1. formas adequadas para a conexão das comunidades à Web;
2. inserção dos aparatos da nova tecnologia de informação na cultura da comunidade;
3. produção coletiva de páginas na Web que divulguem a cultura local;
4. desenvolvimento de bancos de dados para a sobrevivência (oferta e procura de trabalho, informações trabalhistas, informações sobre saúde etc., divulgação dos eventuais produtos típicos da comunidade);
5. novos modos de participação na gestão pública com o uso da nova tecnologia;
6. apoio à educação e cultura na comunidade (incentivar o recurso às bibliotecas e museus virtuais e fontes análogas);
7. apoio à atividade econômica local, em seus variados aspectos;

8. desenvolvimento de programas de consolidação do *uso cultural* (plena apropriação do bem cultural) em contraposição às práticas mais superficiais, episódicas e despidas de resíduos que marcam o *consumo cultural* dos novos meios de informação.

1. Ações Específicas

Para que este programa de indução alcance seus objetivos serão necessárias, entre outras, as seguintes ações:

. formação de recursos humanos: Esta área acadêmica, como inúmeras outras no país no momento, está sofrendo com o abandono repentino e prematuro de suas funções por parte de inúmeros pesquisadores justamente assustados com a política de aposentadoria preparada pelo governo e que não aceitou considerar a situação específica de trabalho na universidade, trabalho este caracterizado pelo lento acúmulo de experiência e pela demorada preparação de novos pesquisadores. Para que esta área, e a universidade como um todo, tenha condições de levar a cabo o atual programa de indução aqui sugerido, seria necessário propor, de modo claro, estímulos válidos para a permanência de pesquisadores na universidade, sem os quais pouco se poderá alcançar;

. estimular os cursos envolvidos nesta área a abrir programas de pós-graduação em sentido lato (que dispensam a elaboração de dissertações e teses) para habilitar profissionais formados em outras especialidades a iniciar uma atuação no campo coberto por esta proposta; é enorme a disparidade entre o número de profissionais requeridos pelo novo cenário da informação e a capacidade atual de preparação dos cursos da área;

. incentivar, de modo claro, a colaboração entre pesquisadores das diversas áreas envolvidas na abordagem dos temas específicos aqui apontados;

. realizar, a intervalos regulares, seminários como este que teriam por finalidade rever as propostas aqui feitas e atualizá-las se necessário;

. fomentar a edição de um volume anual cujos capítulos relatem o estado-da-arte de pesquisa em C.I. no Brasil. Seguindo o modelo do *Annual Review of Information and Science Technology* (ARIST), publicado pela *American Society for Information Science*, estes volumes teriam um editor que encomendaria a redação dos capítulos a pesquisadores diversos. A responsabilidade pela edição da série caberia à ANCIB.

ANEXO 2

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia

SÃO PAULO MAIO/93 INFORME Nº 16

CNPq aprova projeto integrado de pesquisa da ANCIB

Qualidade e Competitividade em Ciência da Informação.

Conforme foi noticiado no Informe nº 14, de julho de 1992, a ANCIB enviou ao CNPq o Projeto Global de Pesquisa composto por 5 sub. projetos:

1 Produção científica: dissertações/teses produzidas nos Cursos de Pós-Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil (1970-1991)
Coordenação: Profa. Dra. Geraldina Porto Witter (PUCCAMP)

2 Produção científica: literatura cinzenta da área de Ciência da Informação
Coordenação: Profa. Dra. Dinah Aguiar Población (ECA/USP)

3 Desenvolvimento de uma metodologia para aplicação de Tesauro em língua portuguesa na área de Ciência da Informação
Coordenação: Profa. Dra. Else Marques Valio (PUCCAMP)

4. Balcão de Informações no mercado emergente de Ciência da Informação
Coordenação: Profa. Dra. Solange Puntel Mostafa (PUCCAMP)

5. O profissional da informação e o mercado de trabalho no Distrito Federal.
Coordenação: Prof. Dr. Luiz Carlos Lopes (UnB)

Os cinco sub-projetos foram aprovados com a concessão de bolsas individuais, quotas de bolsas de iniciação científica, de aperfeiçoamento e de apoio técnico à pesquisa

A integração dos 3 primeiros sub-projetos será feita através dos programas de análise dos documentos em seus vários aspectos formais de estrutura do discurso e de indexação de conteúdos. Eis porque os dois sub-projetos: Produção científica (dissertações/teses e literatura cinzenta) serão apoiados pelo 3° sub-projeto de Tesauro em Ciência da Informação. Os bolsistas terão oportunidade de trabalhar em equipe estreitando os laços entre docentes e discentes das instituições responsáveis pelos sub-projetos. Os dois sub-programas sobre mercado de trabalho serão integrados através dos programas dos respectivos coordenadores.

Pesquisa em Ciência da Informação

Durante o XII Encontro Nacional dos Cursos de Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, realizado em março de 1992 foi aprovada a recomendação que prioriza a pesquisa em Ciência da Informação. A efetivação desse enfoque será realizada durante o I Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENPeCI) a ser realizado em conjunto com o XIII Encontro dos Cursos de Pós-Gradnação, em Belo Horizonte em outubro de 1993. O programa enviado ao CNPq para solicitar apoio financeiro é o seguinte:

PRIMEIRO DIA - 13.10.93

I Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

9:00 h - Abertura: perspectivas da Pós-Graduação da UFMG
Prof. Dr. Eduardo Alves Bambirra - Pró-Reitor de Pós-Graduação da *UFMG*

10:00 h - Painel: Interdisciplinaridade na formação profissional e o mercado de trabalho na área de informação

Comunicações: apresentação por alunos de pós-graduação e pesquisadores docentes responsáveis por projetos concluídos na década de 90 ou em andamento.

Trabalho base: Profa. Dra. Solange Puntel Mostafa
Coordenação: Prof. Dr. Afrânio Aguiar
Debatedores: Prof. Dr. Omar Souki de Oliveira *(UFMG)* – Prof.Dr. José Marques de Melo *(ECA/USP)*

14:00 h - Continuação dos debates

16:30 h - Política de Informação no Brasil - Programas cooperativos e formação de recursos humanos
- IBICT - Política de informação para o Brasil: Redes, sistemas e serviços
- UNESCO: Cooperação entre programas e projetos da América Latina e Caribe.
- IDICT - Profa. Gloria Pojuan Dante (Instituto de Información Científica y Tecnologica de la Academia de Ciência de Cuba).

SEGUNDO DIA - 14.10.93

9:00 h - Visita às instalações da EB/UFMG

10:00 h - Painel: Geração e divulgação da produção científica em Ciência da Informação
Comunicações: apresentação por alunos de pós-graduação e pesquisadores docentes responsáveis por projetos concluídos na década de 90 ou em andamento.

14:00 h - Problemática da divulgação de pesquisas acadêmicas

16:00 h - Captação de recursos econômicos para apoiar programas e projetos nacionais de informação
Participantes: *CNPq, CAPES, FAPESP, FAPEMIG e FINEP*

TERCEIRO DIA - 15.10.93

XIII Encontro Nacional dos Cursos de Pós-Graduação

9:00 h - Reunião de trabalho: Cursos de Pós-Graduação em Ciência da Informação: Problemas e perspectivas
Coordenadora: *Profa. Dinah Población (ECA/USP)*
Apresentadores: Capacitação do corpo docente dos cursos de PG (*UFPb* e *UFMG*)

Orientação de alunos e agilização da defesa de dissertação (*USP*)
Diversidade de formação profissional dos alunos (*UFRJ*)
Perspectivas de ampliação dos programas de Pós-Graduação (*PUC*)Estudantes estrangeiros (*UnB*)

13:00 h - Eleição da Diretoria da ANCIB
Mandato: Biênio 1993-1995:
Todos os associados estão convocados de acordo com os Estatutos da ANCIB.

Participação no ENPeCI: Aguarda-se o comparecimento dos associados da ANCIB e dos docentes / pesquisadores dos cursos de pós-graduação e de graduação que tenham projetos de pesquisa em andamento.